

Uma muralha contra agentes da África do Sul

• Natureza e métodos dos bandidos armados denunciados por antigos membros

É notória a maneira como, nos últimos meses deste ano, a preparação do Povo para o combate contra os bandidos armados tem vindo a crescer. Esta disposição só é possível na medida em que se conhece cada vez melhor quem são e o que pretendem tais grupos: Gente sem consciência, sem moral e sem orgulho; agentes da África do Sul racista.

De dia para dia, os seus crimes são mais conhecidos: crianças e mães são queimadas nos machim-bombos; mulheres e velhos mutilados; crianças violadas; comida roubada; bens pilhados; e jovens raptados pelos bandidos. Mais e mais testemunhos orais e escritos denunciam o facto de que a sua direcção são os serviços secretos sul-africanos; a sua política é a de Pretória; e os seus interesses os da África do Sul racista.

Assim, do pedido público de armas pela população de Inhambane, primeiro, em Fevereiro deste ano, ao comício de 22 de Junho último, em Maputo, onde o Presidente Samora Machel distribuiu as primeiras armas ao Povo para esse combate, um grande passo foi dado no combate contra aqueles grupos de criminosos.

FILHOS DE SMITH

Recordemo-nos: Os bandidos armados foram criados pelos serviços secretos rodesianos, em 1976, para desestabilizar a República Popular de Moçambique e impedir o nosso apoio à luta justa do Povo zimbabweano contra o regime minoritário e ilegal de Ian Smith. Para sua base, os rodesianos recrutaram antigos PIDE's COMANDOS, GE's e outros comprometidos com o regime colonial-fascista português, assim como traidores da FRELIMO que tinham fugido do País, após a Independência, atrás dos seus patrões. São os que não sabem viver de outra forma se não como escravos: primeiro dos colonialistas portugueses, ontem de Ian Smith; hoje de Pieter Botha, da África do Sul.

Depois da Independência do



Zimbabwe, são efectivamente os serviços secretos sul-africanos que comandam, definem os objectivos e alvos, pagam salários, fazem propaganda (por exemplo, através da Voz da Quizumba), redigem, desenham e imprimem os panfletos dos bandidos armados. Porque, ao fim e ao cabo, estes são apenas um prolongamento das forças de agressão sul-africanas.

As mesmas forças que ameaçam a nossa integridade territorial concentrando poderosos meios bélicos ao longo das fronteiras; promovem ataques como foi o da Matola, a 30 de Janeiro de 1981; violam sistematicamente as fronteiras, provocando incidentes armados como, por exemplo, aconteceu na Ponta do Ouro, e mais recentemente, em Ressano Garcia. Através dos bandidos armados, o imperialismo, por intermédio da África do Sul, promove a sua agressão armada de

modo mais directo e permanente contra o nosso Estado Popular.

O RAPTO COMO MÉTODO

Quando o regime rodesiano criou os bandidos armados, com base em elementos comprometidos com o regime colonial português e traidores, esperava que o seu grupelho se transformasse um dia numa «oposição» ao Poder Popular implantado no nosso País. Mas apesar de ter incorporado alguns marginais, drogados e outros elementos anti-sociais, a esmagadora maioria do Povo manteve-se solidamente com a FRELIMO, lutando pela consolidação da Independência e a reconstrução nacional.

É assim que começa o «recrutamento» forçado de agentes: **habitantes das zonas de infiltração dos bandidos armados são raptados, à força; dão-lhes armas e são obrigados a lutar contra**



Sara Muchalima: a denúncia da humilhação, desrespeito e despersonalização da mulher pelos bandos armados e também do comprometimento sul-africano

o nosso Povo, integrados nos bandos armados. Mas apesar das ameaças e chantagens que lhes são feitas, alguns conseguem fugir das suas fileiras. É o caso de alguns cidadãos entrevistados recentemente pela Informação Nacional e cujas declarações foram já pormenorizadamente publicadas pela rádio e pelos jornais.

Eles contam como é que foram raptados e preparados para cometer crimes contra o Povo e finalmente como fugiram dos bandidos armados:

SARA MUCHALIMA, 22 anos, vivia na localidade de Mazimbo, provincia de Gaza, cultivando a sua machamba, enquanto o marido trabalhava, no Zimbabwe, para ajudar a consolidar o seu lar: Os bandidos chegaram à minha casa e disseram aos meus pais que eu devia acompanhá-los. O meu pai disse-lhes que não podia ser, mas eles bateram-lhe, amarraram-me e de arma apontada às costas, fui levada para Garágua e, depois da sua destruição, fui levada para Toronga. Ela acrescenta ter aprendido a manejar a arma em Toronga, esconderijo dos bandos armados, recentemente destruído pelas FPLM em Manica, tendo a seguir tido como missão roubar comida junto das populações. Depois, durante uma longa viagem em direcção à serra da Gorongosa, conse-



Um grupo de mulheres, crianças e jovens que tinham sido raptados pelos bandidos armados, em Manica. Face à sua rejeição e ao ódio popular, os agentes de Pretória recorrem ao «recrutamento» forçado de pessoas inocentes para as suas fileiras

guiu abandonar os bandidos: Numa noite pedi ao chefe da coluna para ir fazer necessidades maiores e ele autorizou-me. Entrei pelo mato adentro e fugi até encontrar uma posição das FPLM, cujos elementos receberam-me com carinho. A posição encontrava-se, segundo ela, na zona de Doerói.

Outro exemplo esclarecedor é o de ABICHA WANAI CALÇÃO, 22 anos, natural de Rutanda:

Eu trabalhava na COGROPA, em Chimoio e, em 1978, resolvi ir visitar os meus pais em Rutanda. Estava na machamba dos meus pais quando me apareceu um homem armado que me chamou e disse: «Você está a ver isto?» Eu disse que sim, é uma arma. Então ele disse: «Quero que você também pegue numa arma.» Eu disse que não, queria continuar a trabalhar no local onde estava, na COGROPA. Ele disse que não queria saber e que também ele tinha sido obrigado a pegar naquela arma. Agrediu-me à coronhada e, apontando-me a arma ao peito ameaçou-me de morte. Como eu tivesse medo, fui com ele. Fomos até Gorongosa. Depois da destruição da base da Gorongosa fui transferido para Sitatonga. Esta base também foi destruída. Daqui fugimos para Tombe. Foi aqui onde comecei o meu treino que durou duas semanas e meia.



Abicha Wanai Calção: Nem o alliciamento através da atribuição de um lugar de chefe, conseguiu convencer este cidadão a ficar com os bandidos armados



Uma criança junto dos restos do que fora a sua aldeia comunal, queimada pelos bandidos. Os seus alvos têm sido tudo quanto possa contribuir para melhorar a vida do nosso Povo e das nossas crianças

Mais um caso para ilustrar, o de CHELENI ARMANDO PENICELA, 19 anos, natural de Macunichibabava: Em Março de 1980, eu saía da minha casa a caminho da casa da minha irmã em Chimunda, quando pelo caminho os bandidos me ameaçaram de morte com as armas e, sem mais palavras, obrigaram-me a acompanhá-los. Levaram-me para Góí-Góí. Quando lá cheguei bateram-me e, mais tarde, fui submetido a um treino militar que durou duas semanas e meia. Depois recebi uma arma. A minha tarefa era a de andar a roubar comida. A minha primeira acção foi contra uma moageira de onde conseguimos roubar alguns sacos de farinha».

Em onze casos de pessoas entrevistadas o processo de «recrutamento» de cidadãos moçambicanos para os bandos armados era idêntico: através do rapto, sob a ameaça constante da arma. O processo continua com o encaminhamento do prisioneiro, muitas vezes amarrado, para um esconderijo, onde é também obrigado a aprender a servir-se da arma para matar e roubar, pois a vida dos bandidos armados é precisamente essa: matar para roubar comida, assassinar populações com o objectivo de semear o terror na população: como não podem ganhar

o Povo, tentam pelo menos neutralizá-lo pelo medo e terror.

Os colonialistas portugueses também recrutavam traidores no seio do Povo e utilizavam-nos contra a FRELIMO, cujas bases indicavam à tropa colonial, para que as populações aí fossem massacradas. Igualmente, moçambicanos eram incorporados à força no exército colonial e muitos eram levados a cometer crimes contra o nosso Povo e este facto comprometia-os com o colonialismo, criando neles o medo pela justiça popular. Através dos depoimentos daqueles indivíduos pode conhecer-se o processo de «fabricação» de um bandido: primeiro, raptando; segundo obrigando-o a aprender a manejar a arma; depois, levando-o a cometer crimes contra o Povo, para o comprometer e, por último, através da chantagem e do medo, obrigá-lo a manter-se com os bandidos armados.

Eles diziam que se tentasse fugir, caso fosse apanhado, seria morto e matavam mesmo. Diziam também que não vale a pena vocês pensarem em fugir porque já mataram, já destruíram carros, aldeias. Se fugirem a Frelimo há-de-vos cortar o pescoço.

Abicha Wanai Calção é um dos que, desafiando essas ameaças e chantagens, conseguiu fugir dos

bandidos armados, e regressar para junto do Povo. Entregou-se às Forças de Defesa e Segurança.

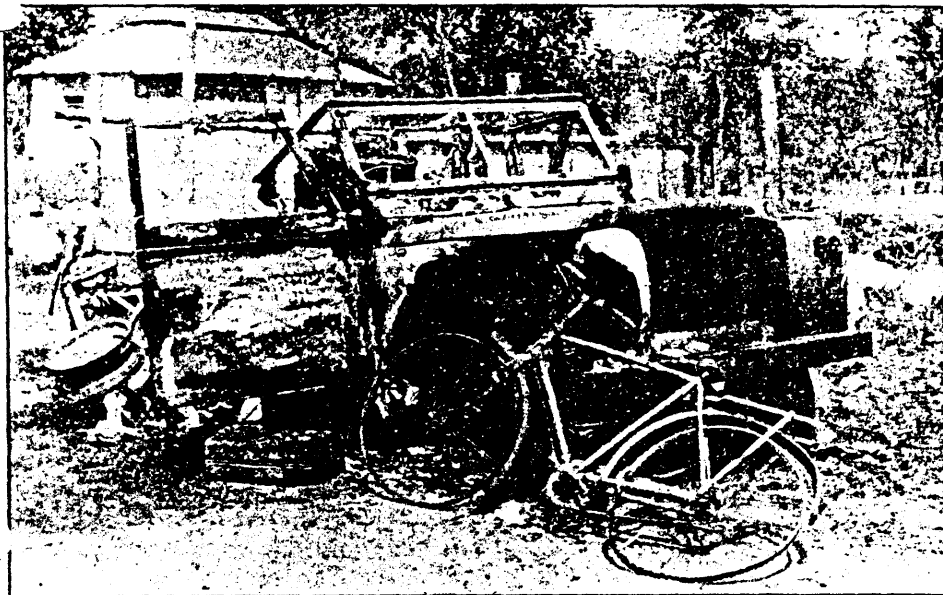
De facto, como ele outros tomaram a mesma atitude, mesmo depois de terem sido aliciados com lugares de chefia nas fileiras dos bandidos armados. A falta de ideologia e de objectivos políticos dos bandos armados, a vida errante que levam, sempre a fugir das nossas Forças Armadas, e os crimes que cometem fazem com que essas pessoas ganhem coragem para desafiar os perigos e empreenderem o caminho do abandono das fileiras dos bandidos armados.

LGUNS EXEMPLOS

Dizíamos, no início, que os bandos armados são um prolongamento do exército racista da África



E um cidadão mutilado pelos bandidos porque como a maioria do nosso Povo se recusa a voltar a viver de joelhos perante um qualquer patrão, chame-se ele Smith, Botha ou quem quer que seja



A bicicleta, o automóvel e outros destroços, há tempos atrás na Gorongosa, patentelam a marca inconfundível da passagem violenta dos inimigos da nossa liberdade e da nossa independência

do Sul. Isto já foi dito por alguns bandidos capturados pelas Forças de Defesa e Segurança e demonstrado através de documentos capturados, por exemplo, em Garágua. Mas vejamos o que dizem os nossos entrevistados.

Pergunta: De onde vinham as vossas armas?

Sara Muchalima: **Vinham da África do Sul.**

P.: Como é que sabe?

S. M.: **Sei porque vinham de avião ...**

P.: Bem, mas podia vir de avião sem ser da África do Sul.

S. M.: **Nada. O chefe Dlakama**

dizia, que todo o material vinha da África do Sul e eu vi, várias vezes, aviões atirarem caixotes de pára-quadras e esses caixotes traziam armas, sapatilhas e munições.

P.: Lembra-se da última vez que isso aconteceu?

S. M.: **Só não me lembro do mês, mas isso aconteceu duas semanas antes da destruição da base de Garágua. O chefe acabava de voltar da África do Sul.**

P.: O que é que ele tinha ido fazer à África do Sul?

S. M.: **Não sei. Ele ia várias vezes. Ficava dois meses na base e**

um mês na África do Sul. Quando voltava às vezes vinha com «boers».

P.: Ouviu dizer ou presenciou o que diz?

S. M.: **Vi com os meus próprios olhos. Na base de Garágua estavam 10 «boers» e foram evacuados no dia em que a base foi bombardeada. Eles fugiram num helicóptero.**

P.: O que é que eles faziam na base?

S. M.: **Davam instruções de como utilizar as armas que vinham de avião.**

É assim que a África do Sul «treina, arma, transporta e abastece» os bandidos armados, prolongamento do seu exército, para destruir o nosso Estado Popular, para agredirem o nosso país e massacrar o nosso Povo. Um dos meios utilizados pelos bandos armados para desestabilizar o nosso País é a sabotagem com o objectivo de enfraquecer a economia, tornar o nosso país mais pobre e criar mais miséria e aumentar assim a nossa dependência em relação à África do Sul.

Mas enganam-se os que pensam que o Povo pode deixar-se escravizar novamente. Vencemos o colonialismo português e proclamámos a Independência; no Zimbabwe, Smith foi atirado para o «caixote do lixo» e deixou de continuar a agredir a RPM. O Povo exige armas para combater os bandidos e prepara-se para dar uma lição definitiva a Pieter Botha e seus lacaios. □